HISTÓRIA DO CEARÁ

CARLOS DA SILVA LACAZ

Escrevendo há mais de dois anos na «Fôlha de S. Paulo», sôbre assuntos médicos de interêsse para o grande público, abro hoje uma exceção para homenagear o Ceará e o seu povo, na pessoa do grande médico cearense, o Barão de Studart, cujo centenário de nascimento foi justamente comemorado em Fortaleza em 1956.

Guilherme Studart nascera em Fortaleza, a 5 de janeiro de 1856. Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1877, foi logo chamado pela Presidência da Província, para dirigir o serviço de assistência médico-hospitalar dos retirantes da sêca de 1877-1879, em Maranguape e Fortaleza.

«Está cometendo verdadeiras loucuras, esquece-se da família, mata-se de fadiga no abarracamento», escrevia assustado um dos amigos, em carta à madrasta de Guilherme. Nem uma vez só foi visto negar a sua presença onde estivesse um enfêrmo dêle necessitado, nos hospitais ou na clínica particular, que mantinha em grande parte, gratuita. Para a literatura médica, sua contribuição pode ser avaliada através de muitos trabalhos acurados e comprovadamente eruditos, tais como: «Da Eletroterapia» — tese do curso (1877); «Ciência Médica» — artigos de propaganda (1889); «Patologia Histórica Brasileira» — sôbre a febre amarela (duas séries, 1894 e 1895); «O Congresso de Tuberculose» (1905); «Climatologia»; «Epidemiologia e Endemias do Ceará» (memória apresentada ao 4.º Congresso Médico Latino-Americano, no Rio de Janeiro (1909); «Sôbre o Obituário Infantil de Fortaleza» (1913); «Cifras sôbre a Nupcialidade e Natalidade em Fortaleza» (1913); «Tuberculose e Alcoolismo» — conferência (1914); «A Morféia em Fortaleza» (1918); «Alguns Problemas em tôrno da Tuberculose e o Operariado» (1921); e muitos outros.

No Ceará, por mais de quarenta e dois anos consecutivos, de 1889 e 1931, estêve à frente do Conselho Central Metropolitano das Organizações Vicentinas, praticando a caridade cristã, sem alardes nem ostentação. «Ninguém o venceu na pontualidade e no apostólico zêlo de executar as normas legadas por Frederico Ozanam, para a maior glorificação do admirável e santo padre francês.» Médico do Hospital de Misericórdia de Fortaleza, recebeu o baronato que lhe outorgou a Santa Sé, com a assinatura de Leão XIII, no Breve de 22 de janeiro de 1900. O Bispo D. Joaquim José Vieira, Bispo diocesano do Ceará, chamado o Vigarinho, natural de Itapetininga, no Estado de São Paulo, que solicitou para o Dr. Studart esta distinção nobiliárquica, conhecia sobejamente os refolhos da alma do ilustre varão homenageado. No volume comemorativo do centenário de nascimento do Dr. Guilherme Studart, editado pelo Instituto do Ceará, refere o Dr. Pedro A. Sampaio que Oscar Freire, o grande mestre da medicina

legal, no Brasil, afirmara certa vez, em uma de suas aulas inaugurais, que o motivo decisivo que o levara a seguir a medicina fora a grande admiração que sempre tivera pelo velho médico de sua família. Acrescenta o Dr. Pedro A. Sampaio que também êle, quando escolheu a medicina, foi de certa maneira influenciado pela lembrança do Dr. Guilherme Studart, médico de sua família e de quem seu pai falava sempre com grande amizade.

Guilherme Studart era filho de inglês, de John William Studart, que se casou com a cearense Leonísia de Castro Barbosa. Tendo falecido o pai, logo o substituiu no cargo de Vice-Cônsul britânico, no Ceará, a princípio interinamente e, depois, em caráter efetivo.

Na madrugada de 25 de setembro de 1938 «desaparecia com o Barão de Studart uma tradição das letras cearenses». Foi uma glória do Brasil, disse dêle Austregésilo de Ataíde, que talvez receba depois de morto as homenagens de aprêço que a ignorância e o esquecimento lhe tributaram em vida.

Como médico e professor universitário, presto nestas colunas minhas homenagens ao grande clínico e homem de letras que foi o Barão Guilherme Studart, cuja vida e obra mereciam figurar no excelente livro de Gustavo Barroso — «À Margem da História do Ceará» — que a Imprensa Universitária daquele Estado lançou em agôsto dêste ano, repleto de episódios e fatos interessantes, numa demonstração derradeira de afeto do grande escritor para com a sua terra natal.

Ao Ceará e a ser povo, estou ligado por laços de amizade e de família. Lá nasceram Clóvis Beviláqua, glória do direito pátrio; Gustavo Barroso, um dos primeiros nomes da literatura nacional; Capistrano de Abreu, o maior historiador brasileiro; José de Alencar, o romancista insigne, cuja obra de inconfundível valor atuou de maneira a mais decisiva e fecunda para a nossa emancipação intelectual; monsenhor Alberto Teixeira Pequeno, sacerdote e latinista de renome; Vicente Cândido Figueira de Sabóia, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de 1881 a 1889, autor da «Vida Psíquica», e tantos outros nomes que contribuíram com o vulto de seu cabedal para a maior glória do Brasil.

Muitos outros nomes honraram e enalteceram a terra cearense, que padeceu através do tempo o longo martírio das sêcas, «enfrentando a desgraça com serena intrepidez e sorridente resignação, sorrindo sob o vergasto de três séculos de dor, em face da indiferença dos governos ante a magnitude do seu problema».

«Unitário» de 5-1-64.